

N. S. DO PARTO

Quando, antes de 1653, aqui chegou João Fernandes, mulato carpinteiro, natural da Ilha da Madeira, trouxe consigo uma imagem de N. S. do Parto, santa de sua devoção, e colocou-a em um altar da ermida de N. S. do O', então existente onde hoje está a Catedral Metropolitana, na mesma ermida em que se haviam homisiado os primeiros padres beneditinos que vieram para o Rio de Janeiro no ano de 1589.

E ali ficou a imagem do português ultramarino até que a ermida foi dada aos frades carmelitas para que nela se estabelecessem.

João Fernandes era um homem simples, talvez de poucas letras, porém de recursos; assim, não poderia consentir que a santa de sua veneração ficasse sem altar. Para tanto adquiriu, à sua custa, um terreno situado na várzea da cidade, para em seguida nele construir uma capela sob a invocação da Virgem do Parto.

A várzea da cidade era tóda a vasta zona compreendida entre os môrros do Castelo, de S. Bento e de Sto. Antônio. O terreno em questão dava frente para a rua dos Ourives (parte que tomou a denominação de Rodrigo Silva, depois da abertura da Avenida Rio Branco), e lados para a rua da Cadeia (atual Assembléia) e S. José. Na esquina desta última rua fêz levantar o templo, onde expôs à veneração pública a imagem do seu culto.

Isso foi em 1653. E o pequeno santuário, em pouco tempo tornou-se muito frequentado, e aumentando sempre a devoção à Virgem do Parto.

Em breve vieram sediar-se na pequena igreja várias Ir-

mandades, entre as quais a de N. S. das Mercês, a de S. Jorge e a dos Clérigos de S. Pedro, que até 1705 residira na Igreja de S. José.



N. S. DO PARTO, vendo-se ao lado a maquette da tórre
que será levantada no local indicado x

Com a morte de João Fernandes, não arrefeceu a fé em N. S. do Parto, pois outros piedosos dela passaram a cuidar.

* * *

Falecendo no Rio de Janeiro um certo Estevão Dias de Oliveira, a Mitra recebeu como legado a importância de quarenta mil cruzados, sob a condição de ser a sôma empregada em obras de caridade.

Nesse tempo em 1742, era Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio do Destêrro, que instituido testamenteiro, se encarregou de cumprir a disposição do morto. Assim, com o prévio consentimento do Sumo Pontífice, resolveu construir ao lado direito da capela do Parto um recolhimento destinado a asilar mulheres que tivessem tido vida irregular e se mostrassem arrependidas do pecado, procurando nos ensinamentos e conselhos religiosos um caminho para a regeneração. Seria assim como um reformatório de almas.

Esse, naturalmente, o intuito de D. Antônio do Destêrro. Todavia, êsse louvável objetivo foi deturpado, e o recolhimento passou a receber, não sòmente as pecadoras, mas também moças solteiras que se insurgiam contra as determinações paternas, quase sempre por motivo de casamento.

Como é do conhecimento de todos, antigamente uma moça não tinha liberdade de eleger o homem com quem se deveria unir perante o altar de Deus. O coração não tinha voto no seu destino. A vontade dos pais prevalecia acima de tudo, e o noivo era escolhido em conselho de família, no qual a parte mais interessada não era ouvida.

Não é necessário dizer da antipatia que provocou no belo sexo o recolhimento do Parto. As damas e as meninas de então a êle se referiam sempre com profundo ódio, no que lhes assistia mesmo certa razão. Naquela época longínqua quem dominava no lar era apenas o marido, senhor absoluto da casa e da família. Bastava que, por qualquer motivo desejasse se vêr livre da espôsa, para logo recolhê-la ao estabelecimento. As razões para isso não era difícil inventar. A imaginação humana é sempre fértil, principalmente quando se trata de satisfazer a nossa vontade.

Os autores antigos contam a respeito do Recolhimento cousas horripilantes. E como foi amaldiçoado pelo sexo feminino o infeliz Estevão Dias de Oliveira!...

Com a construção do recolhimento contíguo à Capela do Parto, esta perdeu a feição de igreja. Juntou-se àquele edifício, formando um só corpo. Era uma casa retangular, com três pavimentos. Na parte de baixo havia uma porta ladeada de janelas; nesse pavimento térreo funcionavam várias lojas. Nos andares superiores, que davam para a rua Rodrigo Silva,

contavam-se 17 janelas no primeiro e 18 no segundo. Do lado da rua da Assembléia havia cinco janelas em cada andar.

Era êsse o aspecto, no ano de 1789, da atual Igreja de N. S. do Parto.

* * *

Por cêrca da meia-noite de 23 de agosto de 1789, pavoroso incêndio irrompeu no estabelecimento. As chamas envolveram o edifício e, em pouco tempo, devoravam-no todo. A cidade inteira acudiu às imediações para assistir ao horrível espetáculo. Gritos lancinantes das reclusas, tetos fendidos que caíam com estrépito, madeira estalando ao calor do fogo, e o fumo subindo ao céu em coluna negra estrelada de faíscas vermelhas.

Guardas arrombaram as portas do asilo e deram liberdade às pobres reclusas meio sufocadas pela fumaça. Já estavam tôdas salvas quando uma delas lembrou-se das imagens da capela.

Rápida, deixando o grupo, embarafustou-se igreja a dentro, antes que alguém pudesse detê-la. Momentos depois, ei-la que volta, tonta pelo fumo, com as vestes rotas, os pés queimados, mas trazendo abraçada a imagem de N. S. do Parto, aquela mesma que viera da Madeira, trazida por João Fernandes!

Foi a única imagem que se salvou. Tôdas as demais foram consumidas pelo fogo.

Estrugiram aplausos à heroína desfalecida aos pés do Vice-Rei, que também no local, envidava esforços para a extinção da fogueira.

Em breve um montão de brasas substituiu o edifício.

Dizem alguns escritores que o fogo foi ateado propositalmente por alguém interessado em destruir aquela prisão; outros, porém, afirmam ter sido casual o sinistro. Nada podemos esclarecer, mesmo porque nunca ficou devidamente apurado o fato. Sabemos apenas que o incêndio ocorreu.

Por ordem do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos a imagem de N. S. do Parto foi guardada na igreja de Sto. Antônio, e as recolhidas levadas para a casa dos Terceiros Franciscanos que servia de hospital. Ficavam, dessa forma resguardadas do pecado do mundo, em ambiente religioso.

Quanto à reconstrução, logo foram tomadas providências para que tivesse início. D. Luiz de Vasconcelos pessoalmente interessou-se pelo assunto, e o Mestre Valentim da Fonseca e Silva foi o encarregado da obra que começou logo no dia seguinte ao do incêndio.

E tanto trabalharam na reedificação, tanta dedicação demonstraram pelo serviço, que, em dezembro do mesmo ano de 1789, isto é, três meses e poucos dias depois de iniciada, já a obra se encontrava pronta.

No dia 8 de dezembro, todo o Rio de Janeiro estava na ladeira de Sto. Antônio para assistir à cerimônia da trasladação da imagem da Virgem do Parto, para a sua capela, o que se realizou com pomposa procissão. O vice-rei e outras pessoas do maior destaque na administração pública carregavam o andor em que era conduzida a santa. Logo a seguir, em fila de duas em duas, iam as recolhidas para a sua antiga residência.

* * *

O Recolhimento existiu até o ano de 1812, quando as meninas e moças que então abrigava foram alojadas na Sta. Casa da Misericórdia. Posteriormente, em 1814, funcionou provisoriamente naquele estabelecimento o hospital da Ordem do Carmo, enquanto não terminava a construção do próprio, na rua do Riachuelo.

* * *

Há alguns anos a igreja se encontra em obras. O seu aspecto interior é moderno, e se vêem delineados nas paredes laterais quatro altares, sendo dois de cada lado da nave. Nêles estão N. S. das Dôres, Sagrado Coração de Jesus, S. José, Sta Terezinha, Sto. Antônio e outras imagens que ainda não estão dispostas definitivamente em seus lugares.

À entrada, à direita, está uma bela imagem de N. S. da Piedade, e à esquerda um grande crucifixo pendente da parede.

No altar-mor, junto ao muro do fundo, sobre um painel à feição de tapete, vê-se a histórica imagem da Virgem do

Parto, salva das chamas pela abnegação e pela fé de uma das hóspedes do antigo Recolhimento.

Na sacristia, que é simples, sem maior atrativo, encontram-se guardados dois magníficos quadros, pintados a óleo pelo grande Leandro Joaquim, e que representam o incêndio do Recolhimento, e o mesmo estabelecimento depois de reconstruído pelo vice-rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza.